

## O CORPO PESQUEIRO-QUILOMBOLA DE UMA COMUNIDADE TRADICIONAL DO NORDESTE BRASILEIRO<sup>1</sup>

Ana Amélia Neri Oliveira,

Instituto de Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

### RESUMO

*Objetivamos compreender os sentidos e significados do corpo manifesto Festa do Mangue do Cumbe, partir de um estudo de orientação etnográfica que usou observação participante, entrevista compreensiva e conversas informais. Os interlocutores foram os atores sociais participantes do ritual. Sentidos e significados de resistência política e cultural são visíveis no corpo do pescador, da marisqueira e do calungueiro. As gestualidades dos corpos evocam um sentido de pertença ao mangue e ao quilombo.*

*PALAVRAS-CHAVE: corpo; ritual; comunidades tradicionais.*

### INTRODUÇÃO

Durante o trabalho de campo da pesquisa intitulada “Entre o Rio e o Mar: Práticas Corporais e Cotidiano na Comunidade Quilombola do Cumbe”<sup>2</sup>, nas primeiras viagens à esta comunidade, o cotidiano comunitário nos levou a refletir sobre duas questões. Como os conflitos socioambientais e territoriais gerados pelos agentes econômicos<sup>3</sup> instalados no território do Cumbe impactavam nas práticas corporais? De que maneira reconhecer o movimento organizado pelos pescadores como um modo de resistência, ressignificação e reinvenção cultural, além de um meio de denunciar a violações de direitos? Naquele momento vimos que o nosso estudo tinha uma clara relação com a agenda política comunitária, a julgar pelo objeto do estudo, modo como nos aproximamos do grupo social e papel social dos nossos interlocutores. Nos deparamos com um cotidiano comunitário recortado por uma clara disputa territorial entre os pescadores tradicionais que reconheciam o Mangue do Cumbe como um espaço social e os agentes econômicos, que demandavam a privatização daquele

<sup>1</sup>Recebemos aporte financeiro para a realização do trabalho junto: à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Bolsas de Doutorado Fora do Estado - Edital 07/2015, processos DFE-0104-00019.01.00/16, DFE-0104-00019.01.00/17, DFE-0104-00019.01.00/18; e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Edital N°. 19 de Doutorado Sanduíche no Exterior /2016, processo: PDSE 88881.133848/2016-01.

<sup>2</sup> Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, sob o parecer 1.989.646 de 29 de março de 2017.

<sup>3</sup> Parque eólico e fazendas de carcinicultura.

território. O cenário descrito nos levou a concluir que atentar para o processo de constituição daquele corpo moldado pela cultura tradicional-pesqueira de ancestralidade negra se tornou essencial a fim de construirmos um recorte analítico das práticas corporais singulares ao grupo social. Neste estudo objetivamos compreender os sentidos e significados do corpo manifesto no ritual Festa do Manguê do Cumbe.

#### METODOLOGIA

O estudo é balizado pelo texto de orientação etnográfica com foco na descrição das situações de interação que envolvem o ritual. Reconhecemos a etnografia como um caminho de pesquisa que nos leva ao conhecimento em progressiva transformação e edificado no cerne das relações sociais (VIEGAS & MAPRIL, 2012). O diálogo com a sociologia da vida cotidiano nos possibilitou apreender a cotidianidade (PAIS, 2003) manifesta naquele ritual, suas transformações e perspectivas, a partir de fatos aparentemente insignificantes, como os que decorreram do domínio do lazer. Fizemos uso da observação participante (GRANJA, 2017), da entrevista compreensiva (FEREIRA, 2014) e das conversas informais. Nossos interlocutores foram três atores sociais<sup>4</sup> conhecedores do “Cumê no Mato”, do Campeonato de Cata do Caranguejo, assim como das encenações do grupo teatral Calungas do Cumbe; estes integram o recorte do ritual em analisado.

#### IDENTIDADES DO GRUPO SOCIAL

Na caracterização das identidades do grupo social investigado chamamos observamos os aspectos territorial e étnico-racial. O território do Cumbe singulariza a identidade tradicional-pesqueira ao passo em que legitima a permanência e representa a resistência do grupo social. O território que compreende o manguê foi apropriado pelo grupo social (RATTS, 2015) que construiu um sentido de pertença àquele espaço social (CARVALHO *et al.*, 2002). A comunidade é vista como um quilombo contemporâneo graças a sua constituição com grupo étnico-racial, ao seu histórico de ocupação territorial e a sua ancestralidade negra (FABIANI, 2015). O grupo desenvolver coletivamente práticas cotidianas de resistência, com vistas à manutenção, produção e reprodução dos seus modos de vida tradicionais (O'DWYER, 2002). Salientamos que a identidade negra-quilombola do grupo social é contemporânea e

<sup>4</sup> Identificados como C.R., L.S e J.J.

coaduna com a agenda reivindicatória pelo reconhecimento da condição de remanescente de quilombos<sup>5</sup> e pela titulação territorial apresentada ao Estado Brasileiro.

Os aspectos identitários citados são balizadores da corporeidade do ator social pertencente à comunidade. Uma corporeidade evocada na relação com o outro e modelada pelos pertencimentos socioculturais (LE BRETON, 2009). Com efeito, o corpo pesqueiro quilombo é construído a partir da relação que o ator social estabelece com o grupo e com o território do Cumbe. Ele expressa uma identidade coletiva cultural e política singular à comunidade Quilombola do Cumbe. Em sociedades de cunho tradicional e comunitário o corpo representa o elemento de ligação da energia coletiva, por meio deste, cada ator social é colocado no seio do grupo (idem, 2009, p. 30).

#### CORPO E CULTURA DO MANGUE

O corpo objeto da nossa análise é construído na Festa do Mangue do Cumbe que corresponde a um ritual produzido na contemporaneidade da comunidade estudada. Um ritual caracterizado pela cotidianidade como evento de cunho festivo e político (PEIRANO, 2003) que rememora as práticas cotidianas de resistência (O'DWYER, 2002) do grupo social. Nele o grupo social ressignificam os seus modos de vida tradicionais e reafirma as suas identidades. Com a festa, o grupo social busca:

reocupar o território quilombola, fortalecer nossa identidade, realizando ações que dão visibilidade à luta e à resistência frente ao suposto desenvolvimento que desconsidera as formas tradicionais e ameaçam o modo de vida local (III FESTA DO MANGUE DO CUMBE: IDENTIDADE PESQUEIRA E TERRITÓRIO, 2017)<sup>6</sup>.

(...) mostrarmos a nossa cultura (...) e a importância do mangue. Nas noites culturais, nós mostramos danças e manifestações. Há o passeio ao rio Jaguaribe, às dunas e ao sítio arqueológico. Nós montamos oficinas, um exemplo foi o grupo da mariscagem, para saber como funciona, como é o nosso dia a dia de trabalho. Outro exemplo é a pesca dos homens (C.R., 30/01/16).

O sentido de salvaguardar o território se reporta à permanência, apropriação coletiva e autogestão territorial. Destacamos que a relação com o território tradicional livre acontece quando a comunidade

<sup>5</sup> Certificação outorgada pela Fundação Cultura Palmares (Dez/2014).

<sup>6</sup> Associação Quilombola do Cumbe.

se recria social, cultural, econômica e politicamente; dando continuidade as suas práticas culturais (J.J., 01/10/17).

O “Cumê no Mato” alude a um ritual contemporâneo que é ressignificado na Festa do Mangue do Cumbe. Este compõe o *habitus* comunitário e transpõe o tempo ao passo que se ancora na tradição da pescaria e do banho no rio, idem na preparação e socialização da comida. Há um significado simbólico ao ato de pescar, que é expresso na gestualidade dos corpos (LE BRETON, 2009), e um significado prático atrelado à obtenção do alimento. O ato de pescar ainda se remete ao sentido lúdico, à brincadeira da pescaria.

(...) Nós pegamos uma panela, um quilo de farinha, um quilo de feijão e vamos Cumê no Mato. Levamos uma rede de pesca ou gereré. Lá nós pegamos o peixe, o siri, o camarão. Depois colocamos no fogo. Comemos e tomamos banho no rio. Também mergulhamos e passeamos de barco [...] (L. S., 30/01/2016).

O campeonato de cata de caranguejo tem o sentido de brincadeira que inicia e envolve os pescadores da comunidade trajados com camisa de malha de manga comprida, calça comprida frouxa, botas de cano longo de borracha, luvas e boné, carregando um saco branco de *nylon*. Com o comando para o início da competição, os pescadores têm 30 minutos para catar o maior número de caranguejos macho. Finalizado o tempo da cata, eles retornaram à sede da associação comunitária e entregaram os caranguejos para a contagem, na sequência é divulgado o nome do vencedor. O Teatro dos Calungas do Cumbe consiste em prática tradicional ressignificada na contemporaneidade da comunidade que revive a tradição do teatro improvisado dos calungueiros.

Convidava os calungueiro. Montava as empanadas. E o dono de cada convidava os vizinhos, os compadres e as comadres. E lá estava montado o nosso teatro. E o povo se divertia (J.J. 15/08/2016).

As encenações abrangem um conjunto de técnicas corporais (MAUSS, 2003) de manuseio dos bonecos. O sentido de resistência e reinvenção culturais explícitos no cenário, nas narrativas e nos personagens como o pescador Zé do Mangue e o negro Obá.

A Festa do Mangue do Cumbe remete ao sentido político indicativo da luta cotidiana pelo espaço social constituído pelo território do Cumbe (RATTS, 2015), também pelo reconhecimento social da identidade quilombola associada à livre expressão da ancestralidade negra (FABIANI, 2015). Este ritual alude ao sentido de celebração da resistência do grupo

social vista na produção e reprodução dos modos de vida tradicionais (O'DWYER, 2002), idem observadas na ressignificação das práticas de trabalho e de lazer ao darmos relevo ao “Cumê no Mato” e ao Campeonato de Cata do Caranguejo. O ritual reportado ao sentido de resistência cultural (CHAUÍ, 1996). Igualmente, o sentido de mudança e reinvenção cultural ao passo que essas práticas rompem um estado invisibilidade social no contexto da sociedade brasileira.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos compreender os sentidos e significados do corpo manifesto no ritual Festa do Mangue do Cumbe. Chamamos o corpo analisado de corpo pescador-quilombola. Este corpo alude aos sentidos e significados da resistência cultural e política do grupo social. Um corpo que se constrói na relação com o outro pescador, a outra marisqueira e o outro calungueiro, paralelamente é moldado pelas pertencas ao mangue e aos modos tradicionais de uso do corpo. Este corpo carrega as educações (LE BRETON) representativas e afirmativas do grupo social visíveis no “Cumê no Mato”, no Campeonato de Cata de caranguejo e nas encenações do grupo Calungas do Cumbe. Na Festa do Mangue do Cumbe as gestualidades dos corpos evocam um sentido de pertença ao mangue e ao quilombo.

## THE QUILOMBOLA FISHERY BODY OF A TRADITIONAL COMMUNITY IN NORTHEAST BRAZIL

### ABSTRACT

*We aimed to understand the senses and meanings of the manifested body “Festa do Mangue do Cumbe”, based on an ethnographic study that used participant observation, comprehensive interview and informal conversations. The interlocutors were the social actors participating in the ritual. Sense and meanings of political and cultural resistance are visible in bodies fisherman, “marisqueira” and calungueiro. The gestures of the bodies evoke a sense of belonging to the mangrove and the quilombo.*

**KEYWORDS:** *body; ritual; traditional communities.*

## EL CUERPO PESQUERO QUILOMBOLA DE UNA COMUNIDAD TRADICIONAL EN EL NORESTE DE BRASIL

### RESUMEN

*Objetivo fue comprender los sentidos y significados del cuerpo en la “Festa do Manguê do Cumbe”. Estudio etnográfico que utilizó observación participante, entrevista integral y conversaciones informales. Interlocutores fueron los actores participantes del ritual. El sentido y los significados de la resistencia política y cultural se vislumbran en los cuerpos de los pescador y calungueiro, y de la mariscador. Los gestos de los cuerpos evocan un sentido de pertenencia al manglar y al quilombo.*

*PALABRAS CLAVE: cuerpo; ritual; comunidades tradicionales.*

### REFERÊNCIAS

CARVALHO, M. C. P. de *et al.* A atualização do conceito de quilombola: identidade e território nas definições teóricas. *In: Ambiente & Sociedade*. Campinas, n. 10, jan/junho de 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

FABIANI, Pedro Paulo de Abreu. A arqueologia de Palmares. *In: REIS, João José; GOMES, Flávio Santos (Orgs). Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. *In: Saúde e Soc.* São Paulo. V. 23, n. 3, p.979-992, 2014.

GRANJA, Paulo. *O detalhe, a exceção e a regra: fazer estudos de caso etnográficos*. *In: Metodologias de Investigação em Ciências Sociais: experiências de investigação em contextos moçambicanos*. João Feijó [Coordenação]. Escola, Editora, Editores e Livrários Ltda. p. 147-177, 2007.

LE BRETON, D. **Sociologia do corpo**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MAUSS, M. **As técnicas do corpo**. *In: Sociologia e antropologia*. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003.

O'DWYER, E. Ca. Os quilombos e a prática profissional dos antropólogos. *In: O'DWYER, Eliane Cantarino [Org.]. Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2002.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana: Enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.



CONBRACE  
CONICE 2021  
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e  
Ciências do Esporte  
no tempo presente:

Defender Vidas,  
Afirmar as Ciências

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

RATTS, Alex. Percursos e territórios negros/quilombolas: introdução a uma pesquisa no Ceará. *In*: MACHADO, Adilbênia, Freire [*et al.*] (Org). **Memórias de Baobá II**. Fortaleza: Imprece, 2015.

VIEGAS, Susana de Matos e MAPRIL, José. Mutualidade e conhecimento etnográfico, *In*: **Etnográfica [online]**, v. 16 (3), 2012.

